



***GOTAS DE ORVALHO***

**Maria Beatriz**



***“Somos todos peregrinos,  
porém só existe união,  
quando todos os destinos  
se encontram no coração.”***  
*Maria Reginato*

## GOTAS DE ORVALHO

Gotas de orvalho caíram,  
Pelo sereno trazidas,  
Toda poeira limpavam  
Das folhagens amarelecidas.

Assim, na vida sofrida,  
A esperança orvalhada  
Esfumaça a tristeza,  
Cria um mundo de beleza.

Ai! se um dia pudesse,  
Todas lágrimas apagar,  
Daquele que tanto padece.

Pois, nas estradas da vida,  
Vale mais a fé, no coração,  
E o louvor ao "Pai da Criação".

*Aos queridos*

*De tudo ficam três coisas:*

- a certeza de que estamos sempre começando,*
- a certeza de que é preciso continuar*
- e a certeza de que podemos ser interrompidos  
antes de terminar.*

*Assim, faça da interrupção um novo caminho,  
da queda, um passo de dança,  
do medo, uma escada,  
do sonho, uma ponte  
e, da procura, um encontro.*

*Acredite no amor e na bondade.  
Acredite no calor humano,  
na lealdade e na amizade.  
Acredite na vida e na felicidade!*

*Carinhosamente,  
Feliz Natal!*

*Dezembro/2009*



***A todos que levo  
nas saudades,  
nas lembranças  
e no coração...***

## ALGUMAS PALAVRAS

Trago, nas veias, a terra vermelha da Alta Mogiana e o verde das montanhas mineiras.

Trago, nas saudades, pessoas queridas e inesquecíveis.

Trago, no coração, meus filhos, netos, genro e nora.

Trago, na ternura, meus irmãos e familiares.

Trago, na gratidão, o apoio e amizade de amigos.

Trago, na alegria, o prazer de estudar, ensinar, ler e escrever.

Trago, nos meus caminhos, uma profissão, realizada mais com amor do que conhecimentos.

Trago, na fé, o louvor ao “Pai Celeste”, pois *“bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”*.

Trago, nos livros, citados abaixo, a singeleza despretensiosa, pois, apenas, transmitem minhas vivências, meus sonhos e minhas lembranças. Foram eles, inspirados, semeados, brotados e compartilhados, na “Oficina de Criatividade”, com amigas muito queridas.

Assim, surgiram: *“Pedacos do Coração”*  
*“Menina de Olhos de Noite”*  
*“Encantamento”*  
*“Entardecer”*  
*“Folhas de Outono”*  
*“Recantos Encantados”*

*E participação, nas “Antologias”, coordenadas por Débora Novaes de Castro, Editora Vip Work Ed. (2008):*

*Poemas- “Canto do Poeta”*  
*Trovas- “Espiral de Trovas”*  
*Haicais- “Haicais ao Sol”*

## ÍNDICE

### POEMAS

SAUDADE, MEU AMOR! ( <i>psicografado</i> )	09
JOIAS DE SONHO	11
HERANÇA DE TERNURA E ENCANTO	12
SANTA JACINTA	14
INFÂNCIA, OUTRORA FELIZ?	16
CADÊ?	18
A BUSCA DE SONHOS	20
ALEGRIA, TRISTEZA, SOLIDÃO...	21
REINVENTAR A VIDA	22
MEDITAÇÃO	23
RODA DE AMIGOS	24
AO SOM DO PIANO- <i>Gabriel Antônio (meu neto)</i>	26

### PROSA (*Crônicas e Contos*)

MOMENTO DE TERNURA	28
PÔR DO SOL	29
O COLAR DE PEDRAS COLORIDAS	30
MUDANÇA	32
A QUARESMEIRA DE MEU JARDIM	34
JARDIM DE AFETOS	35
MATUTANDO	36
A ÉPOCA DA VAIDADE	37
PRECIPITAÇÃO	38
ESPERANÇA	40
ESTELA	41
O DIA EM QUE ENTREI NO CANO...	43
MINICONTOS:	45
"AMOR ETERNO" - "RAMO DE ARRUDA"	
"SEGREDO" - "ROMANCINHO POLICIAL"	
"E O RIO CONTINUA LINDO" - "CASO ENCERRADO"	
"NO TRÂNSITO" - "CONVERSA ENTRE AMIGAS"	
"REUNIÃO FAMILIAR" - "UM ENCONTRO"	
"DISQUE-DENÚNCIA"	
LEMBRANÇAS – <i>João Lucas (meu neto)</i>	48





**SAUDADE, MEU AMOR!**

Saudade de sua voz, de seu sorriso,  
Do seu andar, de suas qualidades,  
De seus defeitos...  
Do companheirismo, envolvido na luz,  
Que ainda reluz nas estrelas a brilhar.  
Por tantos anos, compartilhamos  
Alegrias e tristezas,  
Aflições, incertezas, medos,  
Crises, conflitos e rotinas.  
Juntos caminhamos,  
Ora sorrindo, ora chorando,  
Construímos nossa história:  
Houve perdas, mas também conquistas,  
E, no balanço da vida, enfrentamos os obstáculos  
Ultrapassamos os percalços,  
Pois, jamais, deixamos de ter esperança.  
Contudo o tempo passou,  
Deparamos com o momento mais difícil,  
Saúde frágil, sem a vitalidade de sempre,  
Veio a insegurança maior:  
Como vencer um mal físico?  
Como encarar uma outra realidade?  
E, sem possibilidade de lutar,  
Começamos a nos despedir,  
Um de nós teria que partir...  
Adeus, sua presença, seu sorriso,  
Seu olhar, seu andar,  
Sua voz com histórias a contar,  
E até suas manias a me irritar.  
Saudade, ficou a saudade...  
Na outra estrada, sigo só,  
Com lembranças lembradas,  
Com tantos fatos guardados,

De um passado já passado.  
Mas estou bem ...  
Apesar de estar muito além.  
Sou todo paz, tranquilidade,  
Cheio de luz e serenidade.  
As dores acabaram, os medos dissiparam,  
Nada de sofrimento, só encantamento.  
Agora, um pedido do fundo do coração:  
Tente ser feliz, sorria, cuide das plantas, das flores,  
A natureza reflete a presença e a perfeição do Pai.  
Estarei sempre ao seu lado,  
Até o momento, em que, novamente,  
Seguiremos nesse caminho sereno,  
Por entre as estrelas a brilhar,  
Com seus sussurros a cantar,  
E a solidão acabar,

Até breve,  
Com saudade e amor,  
Seu eterno companheiro....

**JOIAS DE SONHO**

Nas palmas da mão,  
Alianças douradas,  
União de corações,  
No sonho de amor,  
Entrelaçados.

Flores, brancas nas cores,  
Alvas nas vestes...  
Melodias pelo ar,  
Suaves a tocar,  
Amor a embalar.

Com delicadeza gravados,  
Datas e nomes dos amados,  
No símbolo reluzente,  
Do dia tão esperado.

Lágrimas escorrem,  
Pelas mãos enrugadas,  
Foi ontem o passado,  
Hoje, vazio,  
solidão, saudades...

## HERANÇA DE TERNURA E ENCANTO

Sábado nublado...  
O cinza do céu reflete meu pensamento:  
Perdas, lembranças e saudades  
Tomam conta de meu ser.  
Retorno ao passado,  
Uma pessoa querida ressurgue,  
Entre os pedregulhos das poeirentas estradas.  
Olhos ternos, estatura mediana, tez amorenada,  
Gestos firmes, voz tranquila, mas enérgica,  
Personalidade decidida, corajosa,  
Persistente nos seus desejos,  
Positivo nas conquistas.  
Sem a presença da mãe,  
Lutou por uma profissão  
E floriu com plantações produtivas  
As terras vermelhas de “Santa Jacinta”,  
Lá na “Alta Mogiana”.  
Coração bondoso, compartilhava a safra  
Com os ajudantes de labuta.  
Na capital, formou sua família.  
A jovem e linda mineirinha,  
De olhos sonhadores, modos delicados,  
Voz cheia de meiguice,  
Encantou para sempre seus sentimentos.  
Por ela tudo fazia ...  
Era ela que o motivava,  
Por ela, não esmorecia nas repentinas intempéries.

Dessa união, nasceram as quatro “Marias”  
E um menino para seu nome continuar.  
Formou seu lar...

E, com carinho, encaminhou a todos.  
Um dia partiu...  
Como bom agricultor, o que semeou, colheu.  
Deixou, em cada lugar,  
Pinceladas de sua personalidade,  
de sua postura responsável e correta,  
de sua firmeza nas decisões,  
de sua luta cheia de coragem  
e de sua ternura...

## SANTA JACINTA

Lembranças embaçadas  
De tempos passados,  
Distantes, da infância, da adolescência...  
Lá está ela, a verdejante Santa Jacinta,  
Encravada nas terras vermelhas da Alta Mogiana.  
A sede, uma confortável casa térrea,  
Cercada por alpendres espaçosos,  
Com redes, samambaias de metro  
E o piso vermelho, sempre lustroso...  
Dentro, no meu olhar infantil,  
Salas e quartos muito espaçosos,  
Rusticamente mobiliados.  
A cozinha, com seu fogão à lenha,  
Sempre exalando coisas gostosas:  
Carnes assadas, pães, doces caseiros:  
De abóbora, de leite, de banana, de cidra...  
E a banha a ferver, de onde saíam apetitosos torresmos.  
Além de sequilhos, queijos, requeijão e manteiga.  
Ali, o movimento era contínuo,  
Tudo se aproveitava, tudo se fazia...  
Fora o ferro à brasa, que me fascinava.  
À noite, o brilhar dos lampiões,  
Das velinhas, ave-marias, boiando no óleo dos copos,  
Para espantar o medo da escuridão,  
E o som do radinho de pilha,  
Com suas melodias sertanejas.  
Lá fora, era um deslumbramento para mim:  
As árvores frondosas do quintal,  
a cisterna sempre a bombar,  
Porcos, galos, galinhas e até galinhas d'angola.  
A tulha, a cocheira, o curral com cavalos e vacas.  
Pelo campo, a atração maior,  
O peões a tocar o berrante,  
Para reunir o gado.  
Ao longe, que beleza!

Estendia-se, num elevado, o cafezal verdinho, verdinho...  
Por onde papai percorria com seu baio, toda a manhã.  
Ao alvorecer, iniciava-se o zum-zum na colônia,  
Uma dezena de casinhas brancas  
Abria suas portas e janelas de madeira,  
Pintadas de marrom-avermelhado.  
O vaivém da labuta diária começava:  
Era um sair de roceiros, com suas enxadas e embornais;  
Um correr de crianças para a escola da roça,  
Os choros de bebês, um entra- e -sai de mulheres:  
Ora carregando enormes tinas, cheias d'água,  
Ora equilibrando trouxas de roupas,  
Para serem lavadas no córrego,  
Com sabão de cinza...  
Ainda cedo, via-se a fumaça,  
Saindo das chaminés dos telhados  
E sentia-se um cheiro gostoso de feijão.  
Mas o meu deslumbramento era o interior dessas casas,  
Com suas latas, que serviam para tudo:  
panelas, cafeteiras, canecas, vasos de flores,  
Balde, bacias...  
E as toalhinhas...feitas de papel, com lindos recortes.  
Da sacaria, de mãos habilidosas surgiam:  
Panos de prato, toalhas de banho, colchas, lençóis,  
Roupas para todos de casa.  
Lá estamos todos nós:  
Papai, mamãe e os irmãos.  
Tudo se apagou,  
Tudo acabou...  
Quase todos partiram,  
Sua missão cumpriram.  
A infância esfumou,  
O encantamento terminou,  
Só saudade ficou....

**INFÂNCIA, OUTRORA FELIZ?**

Pequenina, miúda,  
Moreninha, como tição,  
Laços de fita vermelha  
A enfeitar os cabelos pretos, lisos.  
Covinhas nas bochechas,  
Nariz arrebitado, pequeno,  
Olhos puxados, sempre a sorrir,  
A cantar, a dançar.  
Gostava de brincar:  
De casinha, com sua boneca,  
Painéis e pratos de tampinhas.  
Em caixinhas de fósforo,  
Seu zoológico guardava:  
Pequenos tatus, de canteiros do jardim.  
Os livros, que atração!  
Eram só fascinação.  
Adorava folheá-los e passava e repassava  
As mãos nas gravuras,  
Sentindo sua textura,  
Como se entrasse e fizesse  
Parte da encenação  
E de sua movimentação...  
Assim era Mariquinha das Chinelas...  
Um dia, puseram-lhe um uniforme  
E com mala e lancheira,  
Lá foi ela, toda pampeira,  
Aprender a ler e escrever...  
Em sua cabecinha, pensou ela  
Que lá fora, tudo seria maravilha,  
A tia, uma outra mãe,  
A escola, um outro lar,



As amiguinhas, novas irmãs...  
Aos poucos, o encanto desencantou.  
A realidade surgiu, a imaginação se apagou.  
Tudo se tornou confuso:  
Onde está o que criei ?  
Onde está o que sonhei?  
Será que existia? Ou era fantasia?  
Na juventude e maturidade,  
As mesmas interrogações  
Brotavam nas reflexões...

Pobre, pobre, Mariquinha!  
Não sei o que lhe agrada,  
Dessa infância lembrada,  
Será que fora feliz,  
Pelas coisas que diz?  
Ou o outrora,  
Foi, ou é o agora...

**CADÊ?**

Belo, belo, belo,  
Tenho tudo,  
Mas nada do que quero.

Tenho casa, comida  
E o necessário,  
Pra viver com tranquilidade  
E com toda qualidade.

São coisas inferiores,  
Nada, nada, superiores,  
Pois tudo é passageiro,  
E como corre ligeiro!

Cadê as coisas que quero?  
O carinho do olhar,  
Pra lágrimas enxugar?  
O aperto de mãos?  
O amigo a apoiar?  
Pra tudo comigo participar?

Cadê a união familiar  
Pela qual canso de buscar?  
O companheiro pra compartilhar  
Falas amorosas ao luar?

Cadê os filhos a reunir,  
Em volta de mesas enfeitadas,  
Com salgados e doces confeitados,  
Fazendo todos sorrir?

Cadê a profissão,  
Pra no dia batalhar  
E o bem-estar conquistar?

Cadê os sonhos sonhados,  
Que não eram impossíveis,  
Coisas simples, nada difíceis?  
Cadê minha alegria,  
Minha face suave  
De expressão sempre a brilhar?

Belo, belo, belo,  
Não tenho nada que quero,  
Apenas carrego quimeras.  
Relembro só o outrora,  
Tento fugir do agora...

## A BUSCA DE SONHOS

Ora, digo eu, não quero a infelicidade,  
A decepção, a tristeza, a frustração...  
Chega de queixas, dor, sofrimento,  
Penso que não há cabimento,  
Viver na lamentação.

Quantos sonhos nas madrugadas,  
Quantos desejos sonhados,  
Quantos castelos edificadas,  
Quantos príncipes encantados...

Mas a tarde sombria vem,  
Com fortes nortadas a soprar,  
Que, o céu azul, escurecem,  
E, os sonhos, tentam levar,  
Para a ilusão acabar...

Nas estradas tortuosas,  
Encontra-se escuridão,  
A deixar todos temerosos,  
Pensando estar na contramão.

Isto não deixa de ser inverdade.  
Em todo caminho, há atalhos,  
Com muita luminosidade,  
Tenha coragem, vá buscá-los...  
    novos sonhos virão  
    alegrar o coração...

**ALEGRIA, TRISTEZA, SOLIDÃO...**

Solidão de carícias,  
Solidão nos olhares,  
Solidão encantada de encantos,  
Solidão no Universo infinito.  
Solidão interior, meditação:  
Encontro interior, o mais profundo,  
Quase essência, verdadeiro Ser,  
Reflexos do Divino,  
Baile de pensamentos, sonhos,  
Labirintos dourados,  
Esquecidos ou adormecidos,  
Amortecidos pela realidade,  
Materializados na superficialidade,  
Na solidão do só sozinho,  
Obscuro passante em meio da multidão...

## **REINVENTAR A VIDA**

Inventar, recriar  
Sol, lua, mar  
O verde das campinas  
As montanhas escarpadas  
Os lagos cristalinos  
O escuro da noite  
As trevas da tristeza  
O grito da solidão  
A mágoa da incompreensão  
O vazio da ausência  
O canto da despedida  
O choro da saudade  
O salgado da ingratidão  
Solte as amarras  
Desfaça os nós  
Dance livre pelo espaço  
Imenso, infinito  
Recrie o passageiro  
Reinvente a vida  
Porque o resto é ilusão...

## MEDITAÇÃO

Numa noite tranquila enluarada,  
Solitário, começo a observar  
O prateado do céu estrelado,  
Que ao negro manto enfeita a bordar.

Percebo a aragem nas verdes ramagens,  
Que percorre variadas paisagens.  
As veredas sinuosas se abrem,  
E, do sereno, os perfumes recebem.

O lugar inspira a meditação  
Sobre toda história de sua vida,  
Sem retorno, só ida, só partida...

E, na simples humana condição,  
Será que existe somente a dor?  
Onde está um calor e o amor?

**RODA DE AMIGOS**

Noite de junho, inverno frio, gelado,  
Malhas, cachecóis, luvas,  
Pra ficar bem-agasalhado  
E poder amigos encontrar,  
Na lanchonete mineira,  
Tão apetitosa, tão gostosa.  
Lá, com a turma em volta  
E o violão a dedilhar,  
Novas canções vamos criar,  
Pra namoradas conquistar,  
No dia de Santo Antônio,  
Conhecedor do verbo amar.

Toca aí, João da Mata,  
Deixe um pouco de mamata,  
Você é compositor da nata,  
Põe no chinelo vários cantores,  
Com seu ritmo melodioso,  
Nem sei por que não se tornou famoso!

Em um de seus sambas, falou  
Da encantadora moreninha,  
Que tem muitos trejeitos,  
E chega deixar a gente sem jeito,  
Pra não dizer apaixonado,  
Com o olhar um tanto vidrado.



Amor, amor, amor,  
Palavra cheia de implicações,  
Pra não dizer complicações,  
Que, quase sempre, traz dor  
E muito, muito dissabor.

Ora acabei de lembrar  
Os versos de um grande poeta,  
Em que diz ser o mineiro matreiro,  
O que gosta mesmo é de namorar,  
De amor? Nem se falar....

Quantas cidades nos cercam,  
Pra garotas disputar,  
E, também, paquerar...

Um dia, quem sabe!  
O verdadeiro amor vamos encontrar,  
E, assim, não mais enganar,  
Com romântico palavreado,  
Que deixa o ambiente encantado.

A noite está passando,  
A lua brilha ao luar,  
Por isso vamos cantar  
E deixar de tanto falar  
E até o frio espantar...

**AO SOM DO PIANO...**

Ao som deste piano, penso vagarosamente...  
Neste momento, desejaria estar em uma praia.  
Não imagine que esta cena seja algo fácil,  
Estupidamente desejável.

Na areia, quase não há pegadas,  
Pois pertence, apenas, aos solitários.  
Não faz calor,  
Existe, somente, o ruidoso e gelado vento,  
Trazido pelas tristes marés.

Nublado céu, pertencente às almas errantes.  
Embrutecendo os sentidos, duas ilhas rochosas.  
E, no crepúsculo, voam pássaros negros.

Ao triste som do piano,  
Meu coração melancólico  
Envolve esta paisagem,  
    cinzenta imagem...

*Gabriel Antonio (meu neto)*



## MOMENTO DE TERNURA

Foi no mês de julho. Manhã fria, céu nublado, envolvendo a cidade da garoa.

Igreja enfeitada, pessoas bem-vestidas, todos prontos para o casamento.

Lá vem a noiva, acompanhada das daminhas, no seu vestido branco com a longa grinalda, enfeitada de pequenas flores, portando o buquê de miosótis.

Sua pele morena, olhos puxados e cabelos negros destacavam-se, contrastando com a veste clara.

Olhar brilhante de emoção, cabecinha repleta de sonhos, esperança...

Pausadamente, caminha, ao som do órgão, rumo ao eleito de seu coração. Nada mais existia a não ser ele.

Tantos anos decorreram desde aquele momento. E tudo parece que foi ontem. Num piscar de olhos o tempo passou.

Realizou o que desejava? Pergunta no ar, sem resposta. Questionar o passado? Alterar o já vivido? Vida, estrada de ida, sem volta.

Hoje, sem o companheiro, agradeço a homenagem feita, com carinho, pelos que o rodearam profissionalmente. No artigo escrito por eles, descreveram o homem, o professor e sua produção intelectual. Com perfeição, traçaram sua personalidade forte, marcante e a contribuição dada no meio jurídico, original e inovadora.

Como de tudo fica um pouco, como diz o poeta, ficou um pouco do professor, de seus conhecimentos, de sua pessoa, do marido e pai, tão querido, do que semeou e brotou, de seu rastro luminoso e, principalmente, muitas saudades no espaço vazio.

Talvez, esteja aí, neste momento de lembranças e ternura, a resposta às indagações feitas.

## PÔR DO SOL

Sentada sobre as pedras, que rodeavam a orla marítima, observava, pensativa, aquele mar imenso, com suas ondas da maré alta, tentando invadir a praia. Pareciam furiosas por não conseguirem ir além de seu berço e retornavam rápidas para sua morada eterna.

Lá longe, na linha do horizonte, onde o céu parecia encontrar as águas agitadas, o crepúsculo descia, com um multicolorido de tintas tristes e quase apagadas...Era o término de mais um dia.

Manhãs radiantes, iluminadas, seriam apagadas pelo negrume da noite.

Assim, percorri as estradas de minha história. Houve alegrias de um amanhecer e a coragem de percorrer a longa jornada a cumprir. Tentei escalar os rochedos imutáveis, ou encontrar alguma fresta para escapar do espaço fechado, cercado.

Com as mãos crispadas pelas feridas, e, na face enrugada de ondas, cheguei ao crepúsculo. Os tons avermelhados, com seus rabiscos ora roxos, ora negros, anunciavam o entardecer.

Logo, viria a noite com seu manto escuro... porém, cravejado com inúmeros pontos de brilhantes.

Não mais ondas, rochedos, rabiscos... apenas o silêncio, a paz, o descanso.

## O COLAR DE PEDRAS COLORIDAS

Combinado. Iríamos ao Museu “Afro-Brasileiro”, instalado no Parque Ibirapuera.

Admirava-me, com as companheiras, os trabalhos artesanais e exóticos, nascidos de uma mistura de índio, negro e português, que deu origem ao nosso povo: quadros, estatuetas de barro, quitutes, vestes com tecidos rústicos, predominando a chita, com ornamentos de cores berrantes, resquícios de suas crenças (mães de santo, orixás, roupas brancas, com longas saias, imagens de santos do candomblé: São Jorge, São Benedito, Santa Bárbara), fora as escritoras, como Carolina de Jesus, além da literatura de cordel.

Mas o tempo era curto, para observar, assimilar tanta coisa nossa, e, diga-se de passagem, que mal conhecia. Havia, ainda, vários andares a percorrer.

De repente, numa vitrina um tanto escondida do segundo andar, deparei-me com uma surpreendente obra, pequena e única por sua perfeição, elaborada por algum artesão, ou melhor, algum artista inspirado e, sem dúvida, iluminado, há doze mil anos, decerto encontrada por algum arqueologista. Era uma figa, em que se via talhada a feição feroz de um tigre. Como conseguira, em épocas pré-históricas, elaborar, nos mínimos detalhes tal figura. O que significaria, para ele, tal peça? Por que a fizera? Talvez, fosse um amuleto, que lhe servia de proteção. Alguma força estranha acompanhava a obra para ser preservada durante tanto tempo.

Pensativa, transportei-me, no mesmo instante, a um colar de pedras coloridas, usado por alguém muito querido. Sempre estava com ele, dia e noite, com roupas esportes e sociais. Cada vez, tornava-se mais grosso, mais pesado, mesmo assim não o tirava nunca. Por vezes, arrebatavam algumas fileiras, e, ele, cuidadosamente, procurava e guardava cada pedrinha. Apesar de ser uma pessoa estudada, com muitos conhecimentos, jamais abandonava aquele adorno. Dizia que o protegia de qualquer perigo, fosse material como espiritual. E, de fato, assim acontecia. Era seu amuleto, seu talismã. Sempre estava confiante em tudo que realizava, nada temia, o que traçava conseguia fazer. E mais, ninguém o criticava, nem o indagava por isso.

Até que um dia, sempre há, na vida, esse dia...num momento de descanso, entre os verdes das montanhas, fechou os olhos serenamente, e, com seu colar cheio de pedras coloridas, partiu, seguindo caminhos tranquilos, onde não precisaria mais da proteção de seu talismã.

Quem sabe, fosse esse o mistério que estava por trás daquele pequeno objeto escondido na salinha do museu....

## MUDANÇA...

Morávamos em Campinas, pela segunda vez, após nos instalarmos em Caconde, durante três anos. Lá, nasceu o nosso terceiro filho, quase no final do ano.

De certa forma, estava feliz... uma vez que tínhamos melhor infraestrutura para criarmos as crianças, cidade maior, sem dúvida, com mais recursos.

Dessa vez, fomos morar, numa casinha térrea, com um belo alpendre, repleto de samambaias, e muito quintal para os filhos. O bairro era Auxiliadora, pertinho do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que, por coincidência, papai estudara lá. Voltei, também, a lecionar, após uma longa licença de dois anos.

Tudo ali era perfeito: tínhamos amigos, as crianças estudavam num ótimo colégio, "Progresso", passeávamos, nos finais de semana, pelas cidades vizinhas, freqüentávamos o "Círculo Militar", um ótimo clube, muito arborizado, além dos churrascos, em chácaras de amigos...

Lá, também, fui premiada com mais um nenezinho... Gostávamos tanto dali, que resolvemos levantar um empréstimo e comprarmos aquela casa tão gostosa.

Mas... sempre na vida há um mas... aquele momento tão difícil de decisão: meu marido foi transferido para a capital. No começo, ia e voltava todos os dias, e, quando dava tempo, me pegava na escola, em que lecionava, a qual ficava fora da cidade, Viracopos.

Isso durou um ano, depois esse vaivém foi se tornando penoso, além disso, todos nossos familiares moravam em São Paulo. Não havia um porquê continuar no interior. Certamente, aqui haveria mais oportunidades em sua carreira.



E lá viemos nós, com nossos quatro filhos, com nossas coisas, com nossos sonhos e esperança em dias melhores...

Infelizmente, nada saiu da maneira como pensávamos. Na verdade, houve uma enorme transformação em nossas vidas, aparecendo dificuldades em todos os sentidos: pessoais, familiares, profissionais, financeiras, fora os cuidados que deveríamos ter com as crianças. Passeios? Poucos. Amigos? Moravam distantes, como encontrá-los? Até problemas de família fomos absorvendo... O interior ficara longe, aos poucos, fomos assimilando a correria do paulistano..., aos poucos, fomos voltando às origens.

De vez em quando, lamentávamos por ter vindo. Meu marido dizia: "Por que fizemos isso? Era tão boa nossa vida por lá! Falhamos. Quem sabe, tudo teria sido bem melhor se continuássemos por lá!" Eu, apenas, confirmava com a cabeça... nem palavras tinha para expressar-me.

Agora, estou eu aqui... relembro aquele momento de mudanças em nossos caminhos, em que trocamos o certo pelo incerto. Não tenho mais meu companheiro, nem a presença de nossos pais. Os filhos cresceram e cada um escreve sua própria história.

## A QUARESMEIRA DE MEU JARDIM

Meu irmão e eu conversávamos sobre tantas coisas do passado: nossos pais, famílias, peraltices, colégios e dos lugares em que moramos.

De repente, falou de nossa antiga casinha, da rua Eugênio de Lima:

- Você sabia que todo quarteirão foi demolido e, no lugar, ergueram um suntuoso prédio?

Apenas, dei um suspiro, e lamentando exclamei:

- Que judiação! Era um conjunto de casinhas tão aconchegantes...

Assim, retomei o papo tão gostoso, deixando a tristeza de lado. Mais tarde, ao voltar para casa, descendo a rua Cerro-Corá, observei, numa descida, muitas quaresmeiras, com suas cores violetas, dando alegria a nossa turbulenta cidade.

Naquele momento, lembrei-me de nossa moradia, que se transformara em prédio, com seu pequeno jardim, enfeitado com uma enorme quaresmeira, sempre florida, cujos galhos timidamente tentavam penetrar na sacada de nosso quarto e até cobriam o telhado. Quantas vezes, subi em seu tronco, alcançando as flores de seus galhos e, com elas, fazendo coroas para os meus cabelos. Por vezes, imaginava até ser uma princesa e nem ouvia os outros me chamarem, preocupados, pois poderia cair.

Olhando no vazio, lágrimas escorreram em minha face.

O mundo encantado  
tornou-se desencantado,  
as flores murcharam,  
os sonhos se apagaram...

## JARDIM DE AFETOS

Terça-feira úmida e chuvosa na capital paulista.

Com o coração apertado, dirigia-me ao apartamento de um irmão, a fim de cumprir mais um compromisso burocrático: assinatura de documentos, referentes ao inventário de minha querida mãezinha. Para distrair os pensamentos, procurava observar os transeuntes, as belas lojas, butikues, restaurantes e lanchonetes, que enfeitavam as ruas próximas ao seu prédio, localizado nos jardins. Quanta satisfação nas faces das pessoas, ou carregando, em suas sacolas, as compras feitas, ou se deliciando com bebidas quentes, acompanhadas de doces, salgadinhos, sanduíches...

Faz bem ver os outros conversar, sorrir, enfim, felizes. Parece que estamos no meio deles, participando de sua alegria e prosa descontraída.

Finalmente, cheguei. Respirando fundo, dizia para mim mesma: "Coragem! Tudo passa depressa, logo estarei em casa novamente". Em meus braços, levava as roscas, que, com muito prazer, daria para os meus queridos irmãos.

Que surpresa! Que lugar gostoso! Tudo ali recordava um pouco de nossa casa, de nossa família: enfeites, quadros, fotos e objetos de pessoas queridas. Ao encontrar meu irmão, com aquele sorriso tão afetuoso, tão simpático, minha cunhada, minha irmã e seu marido, abraçando-me com carinho, senti o aconchego do lar da infância. Naquele instante, transportei-me ao passado, quando estávamos todos juntos com nossos amados pais. Que pena! Tudo passa, tudo some, restam apenas vestígios do que foi.

Depois das assinaturas e o delicioso cafezinho, com tristeza nos despedimos, com olhos lacrimejantes, até a próxima vez.

Bairro? Jardins...

Encontro? Jardim de afetos, de saudades...

## MATUTANDO

Era um fim de tarde...Uma garoa fina cobria a cidade, trazendo um frio úmido e cortante de término de inverno.

Sentado no barzinho do Maneco, tomava uma cerveja escura, para esquentar não só o corpo, mas os pensamentos entrecruzados.

Enquanto isto observava o vaivém dos moradores daquela habitação coletiva, ou melhor, do cortiço em que morava: mulheres cuidando do jantar e olhando a algazarra dos filhos; os homens, com passos lentos e fisionomias cansadas, chegando de algum lugar, vai saber de onde...

E eu ali, ansioso a aguardar a vinda de um doutor renomado, que me contrataria para algum serviço. Se tudo desse certo, poderia encher os bolsos e partir para o Norte para visitar a família.

Sentia saudades das origens: a mãe, com sua sopa quente, a cantar as músicas sertanejas, entoadas pelo radinho de pilha; o pai, com pés e mãos calejadas pelo duro trabalho da roça, e os irmãos, correndo daqui e dali, com suas vestes simples, rotas e sujas.

Uma coisa posso garantir, com a proteção do Padinho Cícero, se for serviço sujo, da pesada, prefiro continuar na pobreza, conseguindo alguns miúdos para o sustento, como pedreiro, pintor e mesmo como catador de papel .....

## A ÉPOCA DA VAIDADE

Numa noite de insônia, para distrair o pensamento, ao folhear a revista “Vida Simples”, chamou-me atenção um artigo de Ronaldo Bressane, “A Era do Tô me achando”, sobre a vaidade na época atual. Como diz, vivemos tempos curiosos com um culto sem fim ao amor-próprio, época da imodéstia, da extrema vaidade: ter corpo perfeito, daí a malhação contínua; vestir-se na última moda; ser o dono da verdade; deixar de receber um Oscar, como fez Woody Allen, pois tocara, justamente no dia, em um clubinho de Nova York; homens com saltos nos sapatos, caso de Sarkozy, para elevar-se à altura da famosa esposa, Carla Bruni; botox, fotos retocados; sapatos Gucci; currículo na Casa do Saber; os treinos sem fim de Michael Jackson a ponto de tomar doses cavalares de drogas para adormecer; a burca, a esconder a figura feminina, tornando-a sensualmente desejável; escritores reclusos, arredios assumidos, como Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, a chamar atenção de todos; a peruca de Dilma; o namorado de Madonna, aliás Jesus, e daí vai....

Como diz o filósofo francês, Gilles Lipovetsky, vivemos a “Era do Vazio”, da ilusão, da vaidade e do Narcisismo. Contudo nunca o homem foi tão só, pois há um déficit de comunicação: as pessoas se queixam da falta de compreensão, de serem ouvidas, de não saberem se exprimir. Trata-se de um mundo ultracompetitivo e baseado somente na imagem.

Enfim, somos o retrato de Dorian Gray, ou como diz Raimundo Correia:

*“Quanta gente que ri, talvez existe,  
Cuja ventura única consiste  
Em parecer aos outros venturosa!”  
Este é o “mal secreto” do homem atual...  
“Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.”*

## PRECIPITAÇÃO

Estava eu, num grupo de orações, reunião séria, exigindo dos participantes concentração, pois todos os pensamentos deveriam estar voltados para uma determinada pessoa, que pedia preces para males espirituais, ou físicos.

Mas, no final, um dos participantes desejou relatar um fato verídico, acontecido num vilarejo, situado bem na divisa de Minas com a Bahia, conhecido pela pobreza e falta de recursos.

Contava ele que dois roceiros conversavam, alegremente, encostados no grande muro, que circundava o cemitério local. Eis que, de repente, um deles levou o maior susto, quando duas enormes jabuticabas caíram sobre sua cabeça. Sem dúvida, naquele momento, pensou que fosse alguma assombração. E, ao olhar para cima, deparou-se com os enormes galhos da árvore frutífera, plantada lá dentro.

Na mesma hora, falou ao amigo: “Cumpadi, qui tamo esperano! O negocio é pulá o muro e inchê nosso imborná dessa frutinha pretinha e deliciosa e levá pra criançada. Ichi! Vai sê uma festança!”

E assim fizeram. Como bons amigos tentavam fazer a distribuição com justiça. “Essa pro cê, essa pra mim...”

Mas, nesse meio tempo, um outro caboclo passou por ali e ouviu essas palavras, repetidas várias vezes: “Essa pro cê, essa pra mim... Essa pro cê, essa pra mim...”

Apavorado, sai correndo em direção à Delegacia, à procura do delegado. Chegando lá, a autoridade ressonava na sua poltrona, com as pernas esticadas sobre a mesa. Nem sabia por que estava ali, pois, naquele fim de mundo, todos eram pacatos: não havia crimes, nem roubos, nem coisas contra a lei, nem coisa alguma...

Aos berros, acordou o doutor da lei, dizendo:

- Excelência, vamo rapidinho pra mor de escutá uma prosa do outro mundo. Imagini, Sr. Doto, Deus e o Diabo estão lá dentro do sumitério, distribuíno as arma, as qui vai pro céu e as qui vai pro fogo, junto com o Tinhoso...

- Mas Zé da Mata, que mentira mais mentirosa... Se não for verdade, você vai pro xilindró!

E lá foram os dois... Ao chegar lá, o delegado também ouviu: "Essa pro cê, essa pra mim..."

De repente, ouviram de um deles:

- Sarta o muro e vai pegá aquelas duas do outro lado...

Pernas pra que te quero... E os dois dispararam, tentando fugir daquele local. Penso que estão correndo até hoje...

De todo esse relato, podemos, na sua comicidade, tirar uma lição de vida. Quantas vezes nos precipitamos ao analisar um fato. Há necessidade de averiguarmos o que realmente acontece, antes de chegarmos a uma solução, a uma conclusão. Nessa precipitação, geralmente, nos enganamos, trazendo consequências desastrosas para nós mesmos.

## ESPERANÇA

E lá ia ela. Vestida de andrajos, com um xale rustido, os cabelos desgrenhados, pés encardidos.

Perambulava pela praia, todos os dias, na hora do pôr do sol.

Enchia seu imenso saco, com restos de alimentos, latinhas atiradas pela praia, brinquedos esquecidos, pés de chinelos, enfim o que achasse.

Por vezes, encontrava alguns moleques, que caçoando de sua figura, gritavam aos risos:

*“Esperança, ança, ança...  
Parece que nunca se cansa,  
De dois sacos carregar,  
Um vazio pra encher,  
Outro cheio de doer...”*

Mas ela não se importava e continuava seu caminho até sumir na escuridão.

Assim, passaram-se dias, anos...

Até que um dia, foi encontrada inerte, molhada de água salgada, abraçada a um dos sacos.

Curiosos tentaram descobrir o que havia nele, sempre cheio e nada ali guardava.

Ao abri-lo, apareceu um vestido de noiva, que, as ondas do crepúsculo, como para resguardá-lo, levaram rapidamente para alto mar... Em vão, Esperança esperou...

Como diz o poeta:

*“Só a leve esperança, em toda a vida,  
Disfarça a pena de viver, mais nada;  
Nem é mais a existência, resumida,  
Que uma grande esperança malograda.”*



## ESTELA

Andava pelo centro, nas proximidades da Catedral. Sentia-me um pouco atordoada com a agitação de passantes, tão apressados, carregando suas pastas, conversando com os acompanhantes, talvez, a respeito de andamentos de processos, talvez, sobre algum trabalho da Faculdade de Direito. Por outro lado, o movimento do trânsito era intenso, ônibus, motos, carros. Por vezes, apareciam mendigos, estendendo suas mãos magras e sujas. Nas livrarias, lojas, farmácias, lanchonetes... era um entra-e-sai dos mais variados tipos, às vezes, bem exóticos, como aquele de óculos, minissaia mínima, com um decote super-exagerado, só faltava mostrar a alma (vai saber!!!).

De repente, vi uma jovem, sensualmente vestida, calças apertadas e de cintura baixa, bustiê vermelho vivo, cabelos longos, olhos esverdeados e tez amorenada, encostada na parede de um dos antigos prédios.

Sem dúvida, era ela. Rapidamente, veio-me à lembrança, aquela quase-menina, Estela, que há muitos anos, trabalhava, como ajudante, para Dona Graça, costureira de minha família. Recordei-me de que, certa vez, fui buscar uns vestidos de mamãe, e, enquanto aguardava Dona Graça embrulhá-los, sentei-me e comecei um longo papo com aquela garota. Fiquei sabendo que viera da Bahia e arranjara aquele emprego, tão prazeroso, devido ao carinho de sua patroa. Sua voz era um tanto rouca e, apesar do esforço, pronunciava erradamente as palavras.

Aproximei-me e arrisquei chamá-la pelo nome:

- Estela! Por acaso, você é Estela?

- Ai, que susto!

Ouvi a mesma voz rouca.

- Ah! Dona Amélia, filha de Dona Lurdes...Que saudades! Minha vida deu uma reviravolta depois que Dona Graça faleceu. Achei este meio fácil de ganhar dinheiro para poder me manter e, quem sabe, trazer minha família para a capital. A senhora imagine que já tenho um filho de cinco anos! Bem, quanto ao pai, não sei bem quem é.

A conversa foi interrompida por um senhor, bem-apegoado, de terno e gravata, carregando uma pasta de executivo:

- Vamos ,Estelita, hoje, estou muito apressado, pois tenho uma reunião com o Presidente do Tribunal.

- Tchau, tchau, Dona Amélia...Até um dia...

E lá segui eu, rumo ao metrô, pensativa e assustada com os caminhos da vida.

## O DIA EM QUE ENTREI NO CANO...

Seis horas da manhã...Já deveria estar no ponto de ônibus, sem dúvida, chegarei atrasada. Isso é que dá ficar lendo até altas horas da noite! Bem, agora, o negócio é ter calma: escovar os dentes e tomar um belo banho para despertar.

Uai! que barulho estranho no encanamento desta pia! Parecem vozes de muitas pessoas. Sabe de uma coisa, vou me encolher e tentar entrar no ralo, para ver o que acontece. Que delícia! Bem melhor do que estar sentada, naquela empresa, cumprindo o dia inteirinho as ordens daquele exigente diretor: “Faça isto, faça aquilo, está malfeito o ofício”. Perfeito mesmo é só ele. Ai! que curvinha gostosa. Isto é um verdadeiro tobogã. Estou ouvindo vozes familiares, até posso identificar quem é. A pausada e calma é de mamãe, a cheia de ternura é de papai, a esganiçada é de minha irmã caçula, mimada e cheia de vontades.

Que interessante, as curvas acabaram e estou percorrendo uma água muito límpida. Vamos ver onde vou parar. Epa! retornei ao ar livre. Ora, aqui deve ser uma represa, pois há tanta gente pescando. Há quanto tempo, não sei o que é pescar...não encontro um minutinho para descanso, para lazer.

Bem, as horas estão passando, preciso retornar, senão serei despedida. Pagam otimamente, mas exigem dos funcionários até a última gota de sangue. Voltarei pelo mesmo caminho...só que devo esperar alguém abrir a torneira para sair de onde me meti. Também, invento cada uma!

Alguém está me chamando: “Joana, Joana, você está atrasada, ande, levante-se, é hoje que vai ser despedida!”

Espreguiçando, vesti-me correndo, até calçando sapatos de pares diferentes...

Pelo caminho, comecei a pensar no sonho que tivera. Na verdade, não entrei no cano e sim, pelo cano...a vida inteira.

Sempre, só cumpri deveres e perdi o pé...Nunca soube olhar para as coisas belas do caminho: apreciar uma paisagem, sair com amigos e, principalmente, fazer coisas prazerosas...

*Pelo cano entrei,*

*A alegria esperei*

*Nos caminhos da vida*

*Na estrada de só ida.*

## **MINICONTOS**

### *AMOR ETERNO*

Encontro. Juras eternas. Enfim, juntos.  
Filhos. Rotina. A outra. Cada um, feliz, para seu lado.

**x-x-x-**

### *RAMO DE ARRUDA*

-Que faço?  
-Um ramo de arruda para abrir caminho.  
-Quanto pela consulta e alívio?  
-Mil Reais...

**x-x-x-**

### *SEGREDO*

-Contei tudo ao meu cachorro.  
-O que ele disse?  
-Uau!!!

**x-x-x-**

### *ROMANCINHO POLICIAL*

- Dotô, tava sossegadinho, com minha mulata,  
quando o malandro entrô e disse: "Zefinha é minha..."  
- O que fez?  
- Pum no safado! Tenho ou não tenho razão?!?

**x-x-x-**

*E O RIO CONTINUA LINDO*

-Passe logo a grana, senão estouro seus miolos, gringo!

**x-x-x-**

*CASO ENCERRADO*

-A grana combinada.

-Cumriu tudo.

-Sim. Digitado, lacrado, enviado...

**x-x-x-**

*NO TRÂNSITO*

“Que toró, hoje, não chego em casa. Já ouvi todos os CDs, bem, agora, vou falar com meu amado.”

- Carlos, querido, que saudades!!

- Carol, eu já te disse que nosso caso está encerrado!

- O quê? Fale mais alto, a ligação está tremenda!! Mais tarde te telefono, tchauzinho, amoreco!!

”Safado!!!!”

**x-x-x-**

*CONVERSA ENTRE AMIGAS (SOBRE RELACIONAMENTO)*

- Não dormi a noite inteira, pensando no que ele fez comigo!

- Eu, também, você acredita que meu computador pifou outra vez!!! É por aí, amiga!!!

**x-x-x-**

*REUNIÃO FAMILIAR*

- Mãããe!!! Já te disse que não quero ir! Que saco!!!

Só de pensar no que me falam: Ai, que belezinha! Como cresceu! Tá um rapazinho! Venha cá, dá um beijinho na titia...

E você me enchendo: “Não passe o dedo no bolo! Não coma os brigadeiros!!Seja educado, cumprimente a todos.....”

**x-x-x**

*UM ENCONTRO*

- Eh! Veja por onde anda! A calçada é bem larga, não precisa vir em cima de mim...

**x-x-x-**

*DISQUE-DENÚNCIA*

- Dotô, achei um pé e uma mão no meu barraco!

- De quem?

- Que pergunta difícil! Ora, deve ser do Maneta Pernetá.

## LEMBRANÇAS

Como a vida é engraçada.

Prega peças, confunde, engana e educa, trazendo a alegria de ter vivido e a tristeza da saudade para aqueles que o tempo passou, fixando as lembranças.

Quanta emoção na solidão: recordações dos momentos mais alegres e das dores mais tristes, por que passamos com pessoas das quais nos orgulhamos de ter cruzado nosso caminho por acaso, ou não.

É realmente feliz aquele que se atirou de cabeça para conquistar seu sonho, seu amor, sem dar importância ao sofrimento de uma derrota, mas, na felicidade e no alívio de poder superá-la, evoluindo para a vitória.

É realizado quem lutou por boas causas, ficando na memória e no coração de muitos, pelo que fez, e, pelas coisas boas, que sinceramente disse, agindo sem orgulho, por ser forte ou sem medo, por ser fraco, nas passagens de sua vivência.

Lembranças constroem um ser e o mantêm erguido, tornando-o especial por suas opções e lutas.

Qual seria o maior sentimento para ir à luta?

Sem dúvida, nada melhor que o amor...

*João Lucas (meu neto)*